

**EDUCAÇÃO CONFSSIONAL CATÓLICA: A ESCOLA PAROQUIAL SANTO
INÁCIO E AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIMÁRIO DE MARINGÁ
(1946-1960)**

Ednéia Regina Rossi¹

Elaine Rodrigues²

Geslaine Cristina Tamião Piola³

Universidade Estadual de Maringá - UEM

RESUMO

Este artigo propõe reconstruir a história da fundação da Escola Paroquial Santo Inácio e sua inserção na educação do município de Maringá. Destaca-se a criação de escolas na área rural e urbana, sinalizando a presença de escolas confessionais católicas na primeira década de fundação do Município. A Escola Paroquial Santo Inácio iniciou suas atividades em 1957 no bairro mais populoso da cidade, a Vila Operária. Vinculada inicialmente à Igreja São José Operário e aos padres jesuítas, a partir do ano de 1960 passou a ser definitivamente da “Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria”. A ação educacional católica e o que ela forneceu à história da educação de Maringá e do Paraná está vinculada ao fenômeno da educação católica no Brasil e seu papel merece destaque na história da educação brasileira. O currículo oculto ou os aspectos informais que permearam o ambiente escolar desta Instituição estavam em harmonia com a filosofia do Concílio Vaticano II e foram além do currículo formal, ensinado pelos professores na sala de aula.

Palavras-chave: História da Educação; Instituições Escolares de Maringá (1946-1960); Ensino Confessional Católico.

**CONFSSIONAL CATHOLIC EDUCATION: A PARISH SCHOOL SANTO
INÁCIO AND INSTITUTIONS OF PRIMARY EDUCATION OF MARINGÁ (1946-
1960)**

ABSTRACT

This article proposes to construe the story of the foundation of *Santo Inácio* Parish School and its role on the education in the municipality of Maringa. The establishment of schools in rural and urban areas stands out and it signals the presence of Catholic denominational schools in the first decade of the city foundation. The Parish School *Santo Inácio* initiated its activities in 1957 in the most populous neighborhood of the city, *Vila Operária*. Originally linked to *São José Operário* Church and Jesuit priests, from 1960 came to definitely be the "Congregation of the Missionary Sisters of the Holy Name of Mary". The Catholic educational action and what it has provided to the history of education in Maringa and in Parana is bound to the phenomenon of Catholic education in Brazil. Its role is worth mentioning in the history of Brazilian education. The hidden curriculum or the informal aspects which permeates the school environment of that institution were in harmony with the philosophy of Vatican II and went beyond the formal curriculum, taught by teachers in the classroom.

Keywords: History of Education; School institutions of Maringa (1946-1960); Confessional Catholic teaching.

Este artigo propõe reconstruir as circunstâncias sob as quais foi criada a Escola Paroquial Santo Inácio de Maringá, evidenciando, no conjunto de outras instituições de ensino, a presença do ensino confessional católico no Município. Este trabalho se insere no Grupo de Pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar (HEDUCULTES), mais especificamente, no aprofundamento e na investigação da cultura escolar e suas identidades formativas.

Para escrita deste artigo foram utilizadas duas fontes, localizadas no Colégio Santo Inácio. A primeira o documento *Crônicas do Colégio Paroquial Santo Inácio:1957-1987*, que possui o formato de um livro e lembrando um diário institucional. Obedecendo a uma apresentação cronológica, nele foram preservadas a memória de eventos por meio de fotos, convites e recortes de jornais. Também foram registrados acontecimentos do Colégio no decorrer dos anos, como por exemplo, os aspectos da construção física, quantidade de alunos, lista dos professores e das suas respectivas turmas, assim como os assuntos que seriam decididos em reuniões. Uma segunda fonte foi o livro de memória *Memorial do Colégio Santo Inácio*, escrito pela Irmã Jutta. O recorte temporal visou priorizar o período que vai da criação da Escola, em 1957, até o momento em que foi transferida para a Congregação do Santo nome de Maria, em 1960.

Autores como CHARTIER(1991) e JULIA(2001) permitiram analisar a escola confessional como um espaço singular que cria e recria suas práticas educacionais, se diferenciando de outras instituições escolares. Nossa hipótese é a de que o modelo educacional confessional católico apenas se desenvolveu por ter encontrado ressonância no desejo dos sujeitos que a frequentava. Em Maringá, pergunta-se como se desenvolveu e quem apoiou esse modelo de ensino?

Fundada em 01 de março de 1957, o contexto que oportuniza a criação da Escola Paroquial Santo Inácio é bastante particular e merece ser registrado. A escola foi criada quando o Município de Maringá tinha ainda nove anos de existência. Fundado, oficialmente, em 10 de maio de 1947, como distrito de Mandaguari pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, o crescimento urbano de Maringá obedeceu a um plano de desenvolvimento idealizado pelo arquiteto e urbanista paulista Jorge de Macedo Vieira, que desenhou a cidade sem conhecer a sua localidade, seguindo as orientações da Companhia que exigia praças, ruas e avenidas largas e a preservação do verde nativo.

Logo após a sua fundação, foi atribuída a Maringá a função de polo regional, como núcleo de comercialização da produção agrícola, centro de abastecimento, negociação de terras, prestação de serviços, entre outras. Assim, Maringá atraía não apenas imigrantes em busca de nova fronteira agrícola para o plantio e cultivo do café, mas também sujeitos de diferentes regiões interessados nas atividades econômicas urbanas. No primeiro censo demográfico que participou, em 1950, três anos após sua fundação, Maringá contava com 38.858 habitantes e, mesmo considerando que a grande maioria, 81,2%, vivia no campo, formava-se um significativo núcleo urbano com mais de 7.300 habitantes.

O rápido crescimento urbano pode ser observado na tabela a seguir. O aumento da urbanização durante os anos 60 e 70 está relacionada, também, à erradicação cafeeira, que provocou, no período, redução absoluta de 28.849 pessoas da zona rural, que migraram para outras regiões e estados ou para a zona urbana. Vejamos:

Tabela I: Taxas de crescimento populacional e de urbanização de Maringá

Anos	População	Taxa de urbanização em %
1950	38.858	18,8
1960	94.448	46,8
1970	123.106	82,6

Fonte: Censos Demográficos do IBGE e estimativa IBGE

Se nos anos 50, do total da população de Maringá, 18,8% residia na cidade, na década de 60 esta taxa sobe para 46,8%, deixando ver uma mudança no fluxo de concentração populacional do campo para a cidade. Durante os anos 70 observa-se o aumento desta mobilidade populacional, a população do campo diminuiu em termos absolutos, ao mesmo tempo em que aumentava a da cidade. Neste momento, a intensificação do processo de urbanização esteve fortemente relacionada ao desenvolvimento de outras atividades econômicas na cidade, ao mesmo tempo em que se reduzia o cultivo do café e se introduzia novas culturas no campo, menos demandadoras de mão-de-obra e mais intensivas de investimentos de recursos financeiros.

Durante as décadas de 40 e 50 houve o predomínio da vida rural no município de Maringá, tendo a sua população concentrada no campo. Em termos educacionais, neste período, observa-se uma expansão no número de escolas: seis escolas foram criadas entre 1946 e 1949 e outras vinte e seis durante a década de 1950. Este crescimento teria sido estimulado pela política do primeiro prefeito da cidade Inocente Villanova Júnior (1952-1956), do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que, segundo Schaffrath (2003, p.17) teria “[...] como uma das principais preocupações, construir um número muito grande de escolas, seguindo a tendência nacional de ampliação da rede escolar”. Do total de trinta e duas escolas existentes, apenas sete se localizavam na área urbana e as demais, vinte e cinco, estavam em áreas rurais do município. As escolas rurais eram escolas isoladas que funcionavam com salas multiseriadas, atendendo simultaneamente, em uma mesma sala, alunos de idades variadas e escolaridades diferentes. Segundo Schaffrath (2003), de acordo com o registro do Patrimônio Público Municipal, a preocupação com o ensino era com o ler e o escrever, sendo o município responsável pelas alterações no programa de conteúdos, devendo seguir as exigências do Estado do Paraná.

Na tabela abaixo é possível visualizar as escolas rurais e urbanas, particulares e públicas, que foram fundadas no município de Maringá no período de 1946 a 1957, vejamos:

Tabela 2: Escolas do município de Maringá (1946-1957)

Ano de fundação	Escola	Desativação ou informações
1946	Casa Escolar de Maringá	Em 1947, passou Escola Isolada Maringá Velho que em 1948 passou a denominar-se Visconde de Nácar. Em 1976, juntou-se com a Escola Castro Alves e formou-se o Colégio Estadual Gerardo Braga
1946	Escola Rural Municipal Barão do Rio Branco	Em 1962, foi desativada posteriormente.
1947	Escola Rural Municipal Castro Alves	A Escola Castro Alves em 1980 tornou-se Escola Municipal João Gentilin.
1948	Grupo Escolar Maringá Novo	Foi criada com o nome de Grupo Escolar Maringá Novo (pertencente a Mandaguari) em 1955 passou a

		ser municipal e em 2006 passou a denominar-se Grupo Escolar Osvaldo Cruz.
1948	Escola Rural Municipal Machado de Assis	Em 1978 passa a denominar-se Machado de Assis.
1949	Escola Rural Municipal Álvares Penteado	Tornou-se Escola Victor Belotti.
1950	Escola Rural Municipal D. Pedro II	Torna-se Escola Luy Alvino Alegretti.
1950	Escola Rural Municipal Tiradentes	Tornou-se em 1981 as escolas rurais agrupadas da Escola Municipal Delfim Moreira.
1952	Escola Rural Municipal Afonso Pena	As escolas Afonso Pena e Quintino Bocaiuva em 1981 tornaram-se Escola municipal Ruy Alvino Alegreti.
1952	Escola Rural Municipal Quintino Bocaiuva	
1952	Escola Rural Municipal Barão de Cerro Azul	Tornou-se no ano de 1981 a Escola Municipal Victor Beloti.
1952	Ginásio Maringá	Tornou-se o Colégio Marista de Maringá em 1958
1953	Ginásio Municipal de Maringá	Em 1954 tornou-se Ginásio Estadual de Maringá em 1955 Ginásio Estadual Drº Gastão Vidigal
1953	Escola Rural Municipal José de Alencar	Tornou-se em 1981 as escolas rurais agrupadas da Escola Municipal Delfim Moreira.
1953	Escola Rural Municipal Benjamin Cosntant	Tornou-se em 1981 as escolas rurais agrupadas da Escola Municipal Delfim Moreira.
1953	Escola Rural Municipal Nilo Peçanha antiga Escola Rural Municipal Cantagali	Tornou-se em 1974 Escola Municipal Fernão Dias.
1953	Escola Rural Municipal Anita Garibaldi	Tornou-se em 1981 a Escola Municipal João Gentilin.
1953	Escola Rural Municipal Bandeirantes	Tornou-se em 1981 a Escola Municipal Ruy Alvino Alegretti.
1953	Escola Rural Municipal João T. Soares	Tornou-se em 1979 a Escola Municipal Victor Beloti.
1953	Colégio Santa Cruz	
1954	Escola Rural Municipal Santos Dumont	Tornou-se em 1981 Escola Municipal Jardim Kosmos.
1954	Escola Rural Municipal Frei Timóteo	Tornou-se em 1979 Escola Municipal Victor Beloti.
1954	Escola Rural Municipal Julia da Costa	Em 1981 tornou-se Escola Municipal Delfim Moreira
1954	Escola Rural Municipal Conselheiro Jesuíno Marcondes	Tornou-se em 1981 Escola Municipal João Gentilin.
1955	Escola Rural Municipal Epitácio Pessoa	Em 1981 tornou-se Escola Municipal Delfim Moreira.
1955	Escola Rural Municipal Cristovão Colombo	Em 1981 tornou-se Escola Municipal Delfim Moreira
1955	Escola Rural Municipal Teixeira Freitas	Tornou-se em 1979 Escola Municipal João Gentilin.
1955	Escola Rural Municipal Princesa Isabel	Em 1981 tornou-se Escola Municipal Victor Beloti.
1955	Escola Rural Municipal Olavo Bilac	Tornou Escola Municipal Victor Beloti em 1979

1956	Escola Normal Secundária “Amaral Fontoura” e a Escola Normal Regional “Eduardo Claparède”	Foram desmembradas em 1957, por determinação da Secretaria de Educação. Em 1966 a Escola Normal Secundária “Amaral Fontoura tornou-se Instituto de Educação Estadual de Maringá
1957	Escola Paroquial Santo Inácio	Em 1961 tornou-se Ginásio Santo Inácio e posteriormente Colégio Santo Inácio
1957	Escola Rural Municipal Dom Bosco	Em 1981 juntou-se com a Escola Municipal João Gentilini.

Fonte: Secretaria de Educação do Município de Maringá e Núcleo Regional de Educação de Maringá.

A visualização da tabela 2 permite identificar que, na década de 50, as escolas municipais se estendiam em larga escala para a área rural, uma vez que 81,2% da população do município residiam nesta área. Embora este cenário se modifique gradativamente com o crescimento urbano do município, a intenção é dar visibilidade das instituições escolares existentes em Maringá no momento da criação da Escola Paroquial Santo Inácio.

Assim, em 1957, ano de criação da Escola Paroquial Santo Inácio, o município contava com um total de trinta e duas instituições de ensino. Contudo, dentre elas, apenas seis estavam na zona urbana da cidade. Destas, quatro eram públicas, sendo duas de ensino primário e duas de ensino ginásial. As outras duas eram particulares, sendo uma de ensino primário e ginásial e outra de ensino ginásial.

Durante a década de 50, Maringá contava com seis escolas urbanas e, neste mesmo período, sua população salta de pouco mais de 7.300 habitantes para 44.200 habitantes na zona urbana. Foi neste contexto de crescimento urbano que se instalaram na cidade as primeiras escolas confessionais particulares de Maringá, todas vinculadas à Igreja Católica, contudo pertencentes a diferentes congregações. A primeira instituição fundada, em 1953, foi o Colégio Santa Cruz, a segunda, em 1957, a Escola Paroquial Santo Inácio e a terceira o Colégio Marista em 1958. Estas instituições de ensino católicas foram criadas com o empenho e apoio dos Bispos da cidade, primeiramente o bispo diocesano da cidade de Jacarezinho, Dom Geraldo de Proença Sigaud e depois Dom Jaime Luiz Coelho.

Com o crescimento populacional e a expansão geográfica da cidade de Maringá surgiram novos bairros, dentre eles estava o Bairro Vila Operária, local onde foi criada a Escola Paroquial Santo Inácio. Durante muito tempo, este Bairro foi o mais populoso do município. Seu crescimento e a grande concentração de moradores foram impulsionados pelo baixo valor de seus lotes, que atraiu muitos trabalhadores e pequenos comerciantes que ali se instalaram. O bairro recebeu o nome de Vila Operária, revelando o que o distinguiria dos demais bairros da cidade. Um bairro mais afastado da região central e que abrigava a maioria de seus trabalhadores e operários. Recebeu habitantes de diferentes núcleos populacionais de toda a região do Paraná e também de outros estados. A construção das residências era, em sua maioria, feita de madeira, sendo que, na década de 1950, era considerada uma zona periférica da cidade. No bairro também se instalou outras manifestações religiosas como o candomblé e a umbanda. O lugar concentrava o maior colégio eleitoral da cidade e elegeu, em 1952, um de seus moradores como o primeiro prefeito da cidade, o empresário Inocente Villanova Júnior.

Na figura abaixo datada de 1960, em que a Vila Operária aparece em primeiro plano, é possível observar a extensão geográfica do bairro, que fica na região anterior à reserva florestal, atual Parque do Ingá, que aparece bem ao centro. Se comparada com a região posterior à reserva florestal, que era a região central, percebe-se a grande extensão e a grande quantidade de moradias existentes. Vejamos:

Figura 1: Vila Operária na segunda metade da década de 1960



Fonte: Disponibilizada em <http://maringahistorica.blogspot.com.br/>, consultado em fevereiro de 2013.

O município, na segunda metade da década de 60, com aproximadamente vinte (20) anos de idade, se apresentava como uma cidade bem desenvolvida. A imagem deixa ver as avenidas e ruas largas e planejadas. Focalizando no Bairro Vila Operária, as vias que aparecem na imagem são (da direita para a esquerda): Avenida Mauá, Avenida Brasil, Rua Santos Dumont, Rua Neo Alves Martins, Rua Marcílio Dias e a Avenida Riachuelo (tem duas ruas abaixo, Rua Barroso e a Rua Inhaúma). No centro a Avenida Paissandu, no sentido norte-sul, com a Praça Abilon de Souza Naves, contornando a reserva florestal a Avenida Laguna e Anchieta. Todas as ruas e avenidas eram de chão de terra. A construção maior, em destaque, na Avenida Riachuelo, era o Cine Horizonte, antigo cinema da cidade.

Com o desenvolvimento do bairro, não demorou a organização da Igreja Católica para se fazer presente. Em 1950 foi construída uma capela que, em 1954, foi elevada a Igreja São José Operário, administrada por padres jesuítas. Das experiências com a população, advindas por meio da igreja, surgiu o projeto de fundação da Escola Paroquial Santo Inácio. Em 1956, o Bispo Dom Jaime, atendendo ao pedido dos padres desta Paróquia, escreveu uma carta para a Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria da Alemanha, falando sobre a necessidade da escola paroquial e solicitando uma Irmã para dirigir esta escola. As irmãs vieram em missão, em meados de 1956, seguindo os princípios de sua Congregação, que tem como base Santo Inácio de Loyola. Maringá foi a primeira cidade a servir de missão para as irmãs da Congregação do Santo Nome de Maria que, posteriormente, levaram suas atividades para outras regiões do Paraná e de outros estados brasileiros.

A empresa colonizadora da cidade de Maringá, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, doou à Paróquia um terreno na Avenida Mauá, no fundo da Igreja, para construção da escola. A Escola Paroquial Santo Inácio teve sua fundação no dia 01 de março de 1957. Neste momento, o Pe. Osvaldo Rambo era o diretor responsável pela escola, uma vez que as Irmãs não podiam oficialmente assumir o cargo devido à

nacionalidade alemã. Atendendo ao pedido do Pe. Osvaldo, Dona Alfia Pulzatto, normalista, ajudava na organização e administração da escola e assinava a documentação como responsável. As irmãs embora não pudessem estar como responsáveis pela direção da escola, estavam envolvidas com as atividades do jardim de infância e com as aulas de religião, música e desenho para as crianças do ensino fundamental, além de auxiliarem nas mais diversas atividades da escola.

A escola, neste primeiro ano de fundação, atendia três séries: 1ª, 2ª e 3ª série, com quatro professores e uma secretária. As primeiras professoras da Instituição foram Iolanda Duarte, Udilla Schiavonetti, Maria Brégola Noris, Lucilia de Queiroz Cerqueira, Irmã Maria Sturmia e Irmã Maria Conrada e na secretaria Filisbina Binartten. A Irmã Jutta chegou da Alemanha no dia 10 de agosto de 1957, quatro meses após a fundação da escola, pois estava terminando os seus estudos em Pedagogia.

As condições físicas da escola foram descritas, pela Irmã Jutta(1996), em uma carta que relata os primeiros anos de fundação da escola. Segundo ela, no terreno do lado oposto da Igreja, na Avenida Mauá, havia um barracão de madeira com duas salas de aula e dois banheiros e nada mais nos 20X100 metros. Lá funcionavam, em dois períodos, as classes da 1ª, 2ª, e 3ª séries. O jardim de infância funcionava numa casa bem pequena e simples, ao lado da casa das irmãs. Nas duas salas pequenas as crianças brincavam e a cozinha era a secretaria da escola. No fundo desta casa morava a diretora interna Dona Alfia. Duas irmãs trabalhavam na escola: a Irmã Conrada, que dava aulas de religião e a Irmã Sturmia, que cuidava do jardim de infância. Era esse o quadro de funcionários da escola. Não havia na escola água, luz e nem dinheiro, relata. A mensalidade da escola era mínima e a paróquia também não tinha recursos para o sustento. Durante a semana, a água era levada da casa das Irmãs para a escola. Aos sábados, Dona Olívia, vizinha da escola, tinha um poço e deixava as irmãs pegarem água para lavá-la. A energia elétrica não era tão necessária para a época, pois as aulas só aconteciam no período diurno.

Segundo o documento *Crônicas do Colégio Paroquial Santo Inácio:1957-1987* (COLÉGIO SANTO INÁCIO. MARINGÁ, s/p.), no final do ano de 1957, Pe. Wendelino, da Paróquia São José Operário, e a Irmã Jutta foram para Curitiba a fim de registrar a escola. Foi então que a escola conseguiu o registro do curso primário, jardim de infância e do corte e costura. No ano seguinte, em 1958, a Escola Paroquial Santo Inácio possuía duzentos alunos com a seguinte distribuição: uma turma de 4ª série, uma turma de 3ª série, duas turmas de 2ª série e três turmas de 1ª série. No mês de maio deste ano, Dona Alfia deixa a escola por problemas de saúde e assume a Irmã Jutta como diretora interna. A escola funcionava com um diretor externo, o Pe. Osvaldo Rambo, e a diretora interna, Irmã Jutta. Toda a documentação da escola passou a ser assinada pelo padre, pois a Irmã ainda não tinha a nacionalidade brasileira.

É possível interpretar que a Escola Paroquial nasceria da união de esforços de diferentes sujeitos, do Pe. Jesuíta Osvaldo Rambo, que teria encampado a ideia, da Companhia Melhoramentos que cedera o terreno, do Bispo da cidade, Dom Jaime, que apoiara a iniciativa, das irmãs Conrada, Jutta e Sturmia que vieram da Alemanha e assumiram atividades no interior da escola, por pequenos comerciantes que ajudavam financeiramente e por voluntários da igreja. O que motivou estes diferentes sujeitos, as intenções que os mobilizaram não forma idênticas. Embora não aprofundaremos aqui esta análise, cumpre apontar que estes sujeitos possuíam, também, ideias comuns, como a defesa da escola como meio de promover o desenvolvimento intelectual, social e humano e, a confiança na Igreja Católica na sua missão de formadora por meio da escola.

A imagem abaixo, datada de 1959, permite visualizar a materialidade do espaço físico da Escola Paroquial Santo Inácio, construída em madeira e em harmonia com a

maioria das construções do bairro, que aproveitava a matéria prima da região em suas edificações. Vejamos:

Figura 2: Escola Paroquial Santo Inácio



Fonte: Acervo de fotografias do Colégio Santo Inácio.

A Escola Paroquial Santo Inácio era uma escola improvisada numa casa de madeira simples, onde meninos e meninas frequentavam turmas mistas, ou seja, de ambos os sexos. A presença do padre jesuíta em seu espaço, como deixa ver a imagem, revela o trabalho conjunto destas duas Congregações. A organização disciplinar do espaço, em que crianças bem arrumadas entram em fila para a sala e a presença das irmãs e do padre, com sua vestimenta e símbolos cristãos, sinaliza para uma identidade deste espaço.

Segundo Irmã Jutta (1996), a escola necessitava de um maior espaço físico. Então, nas férias de 1959 foram construídas mais três salas, sendo uma disponibilizada para o jardim de infância, outra para a secretaria e a terceira para os professores. O dinheiro para a construção destas salas foi doado por comerciantes da redondeza após campanha da Igreja, sendo o trabalho braçal realizado por homens do movimento mariano⁴ da paróquia. Esta prática permite observar as estratégias da Igreja Católica na viabilização de seus projetos, por outro lado, observa-se o envolvimento da comunidade local num projeto de educação. Cada sujeito contribuiu à sua maneira: comerciantes, funcionários e proprietários de terras com recursos financeiros e o movimento mariano com o trabalho físico.

Ao final deste ano foram realizadas as provas finais em todas as séries, aplicadas pela Inspeção Estadual, como forma de avaliar o trabalho da escola e atestar o rendimento escolar dos alunos, classificando-os para as séries seguintes. Foi o primeiro ano em a Escola realizou a entrega do diploma de término da 4ª série e também a formatura do jardim de infância. Tudo foi realizado no pátio da escola, entre as construções. Neste evento, participaram a professora Udilla, como comentarista; o patrono foi o bispo Dom

Jaime; o paraninfo foi o senhor Rubens, subgerente da Transportadora Transparaná. Estavam presentes os padres da Paróquia São José Operário, o Irmão superior responsável na época pelo hospital Santa Casa de Misericórdia de Maringá, as Irmãs do Ginásio Santa Cruz, as Irmãs da Congregação Missionária do Santo nome de Maria e a comunidade escolar como pais, professores, alunos (COLÉGIO SANTO INÁCIO. MARINGÁ, s/p.).

Ainda no ano de 1959, as Irmãs Sturnia e Jutta receberam o registro de professoras, podendo, lecionar na escola. Também houve a chegada da Alemanha de duas outras irmãs para trabalhar no Colégio, irmã Drumemjard e irmã Xaveris. Assim, durante este ano algumas conquistas foram realizadas. A escola aumentara de tamanho, agora com cinco salas. Ela recebe o seu registro de funcionamento para o Jardim da Infância e para as turmas de 1ª a 4ª séries. Além disso, havia o curso de corte e costura. A energia elétrica foi instalada e duas novas irmãs chegaram para ajudar nas atividades da escola.

Com três anos de idade, a escola se afirmava como um espaço que atendia crianças com poder aquisitivo diferente. Segundo Irmã Jutta (1996), as mensalidades não eram pagas por todos os alunos, pagava quem possuía recurso. Da mesma maneira, havia diferença entre os valores da mensalidade de seus pagantes. A escola, em sua origem, não se destinou aos filhos de proprietários de terras e comerciantes, tendo sido relatado desafios financeiros para sua construção e manutenção.

Como o número de alunos aumentava em cada ano, o Bispo de Maringá doou recursos para a construção de mais salas de aula. Desta maneira, a escola conseguiria comportar seus alunos em espaços mais adequados. A escola para sua ampliação e manutenção contou com o apoio da comunidade, da Igreja e também do Estado. Nessa época, quatro professores da escola eram pagos pelo Estado. A ata da Escola de 1960 registra seiscentos e trinta e oito alunos. Com o grande número de crianças e poucas salas de aulas, a escola teve que realizar um horário com três períodos de aula. Um período das 8h às 11h, outro das 11h às 14h e das 14h às 17h. Cada período tinha duração de três horas, sendo necessária esta organização para atender a demanda de alunos. Este horário ficou até o término da construção de novas salas de aula.

A escola que nascera vinculada à Igreja e aos padres jesuítas, a partir do ano de 1960 passou a ser definitivamente da “Congregação das Irmãs Missionárias do Santo Nome de Maria”, por meio de contrato assinado pelo Bispo Dom Jaime e pela madre Seraphine, em que tudo passou a pertencer às irmãs da Congregação; prédio, terreno e administração.

As experiências educacionais da Escola Paroquial Santo Inácio foram mais abrangentes que o desenvolvido pelo currículo formal, ensinado pelos professores na sala de aula. O currículo oculto ou os aspectos informais que permearam o ambiente escolar, em harmonia com os propósitos da instituição e com a fé católica, podem ser percebidos em aspectos do cotidiano escolar, como por exemplo, nas imagens e símbolos cristãos espalhados pela escola e nas festividades da escola.

É necessário destacar que a educação católica foi um fenômeno importante no Brasil e que seu papel merece destaque na história da educação brasileira. Se ocupar com a história da Escola Paroquial Santo Inácio é buscar problematizar a ação educacional católica e o que ela forneceu à história da educação confessional de Maringá e do Paraná.

Segundo Moura (2000) a educação católica passou por diferentes fases e, neste sentido, é importante observar as transformações ocorridas a partir do pós-guerra em 1945. Neste momento, as escolas católicas no Brasil eram norteadas pela Associação de Educação Católica do Brasil (AEC) e diferenciavam-se das outras instituições privadas destinadas ao ensino. Segundo Senra (2007), a AEC é a principal entidade de representação da Igreja Católica no Brasil e, pode ser definida como a continuidade dos

mecanismos criados pela Igreja para tornar o catolicismo presente na educação escolar brasileira. A associação nasceu com o objetivo de tornar o ensino católico mais libertador, mas nem tudo ocorreu de forma simples e tranquila.

A escola católica intencionava ser mais participativa, pois, de acordo com o Concílio Vaticano II, era preciso transformar as escolas em uma comunidade escolar motivada pelo espírito do evangelho, da caridade e da liberdade. O Concílio Vaticano II teve como principal objetivo discutir as ações da Igreja. Seu propósito era o de repensar, modernizar e debater suas visões perante a vida. Segundo Gameiro (2007, p.22), o Concílio do Vaticano II registra a importância da escola, pois enquanto cultiva as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar retamente promovendo o sentido dos valores.

Assim, ao traçar seus fins, o Concílio Vaticano II deixa ver que a escola seria mais que um espaço de formação intelectual, ela promoveria uma formação dos valores morais cristãos. Este foi um ponto de tensão entre os defensores do ensino laico e os do ensino confessional. Não é objetivo adentrar neste debate, apenas sinalizar este impasse presente na história da educação brasileira e trazer à baila as ponderações de Alves (2005) sobre a presença da escola católica no Brasil. Segundo ele:

Se ela colaborou com as elites na manutenção da ordem estabelecida, ela também ofereceu resistência às classes hegemônicas, educou parcela das camadas populares e contribuiu de forma decisiva para a formação da nação brasileira (ALVES, 2005, p. 229).

Muitas polêmicas foram levantadas com relação à presença da Igreja católica no ensino escolar. Contudo, este jogo de tensões não colocou fim aos objetivos da igreja, ao contrário, obrigou-a a repensar sua presença no campo educacional, como mostra o Concílio Vaticano II. No Paraná, a Igreja católica iniciou suas atividades educacionais por volta de 1920. Para Campos (2010), a organização do laicato, ou seja, dos leigos cristãos, começou a se definir a partir de 1926 com a criação da imprensa católica que era dirigida por leigos. Seria neste ambiente, que se formariam planos de ação e estratégias da Igreja para todo o Paraná. A expansão da Igreja Católica no Estado, por meio do laicato, criou ambiência fértil para o modelo de formação cristã. Por outro lado, os bispos interessados em aumentar a presença católica no ensino escolar paranaense, começaram a pedir auxílio às congregações femininas de outros países. É neste contexto que, no final da década de 1950, a Congregação do Santo nome de Maria foi convidada para se fazer presente no município de Maringá.

Os dados estudados evidenciam que a educação católica teve uma presença marcante na história da educação do município de Maringá. Durante a década de 50 três congregações criaram suas instituições de ensino, aliando ao desenvolvimento intelectual das crianças a preocupação em desenvolver também uma formação religiosa católica. Ao falar da educação católica e de suas práticas educativas no período estudado, é necessário considerar o momento de transição experimentado pela Igreja Católica. No momento de criação destas escolas as discussões do Concílio Vaticano II ainda não tinham ocorrido, as conferências foram realizadas entre 1962 e 1965. No entanto, não se pode imaginar que os debates que mudaram a compreensão da Igreja sobre a sua presença no mundo moderno tenha se produzido nestes anos do Concílio. Partimos do entendimento que o processo foi vagarosamente processado nas vivências da Igreja, inclusive no campo do ensino, culminando com as reflexões do Concílio Vaticano II. Assim, é nessa conjuntura de

revisões e mudanças que se situa o início dos trabalhos das Irmãs do Santo Nome de Maria na Escola Paroquial Santo Inácio.

A cultura da escola buscava meios de transmitir a fé católica e também ser um local para se formar o cristão. Nela, é possível observar um elemento característico da escola católica preconizado pelo Concílio Vaticano II. Aquela que, ao mesmo tempo em que desenvolve o lado intelectual, também desenvolve, nas crianças, o sentido cristão de filhos de Deus. O universo cristão e católico esteve presente nos momentos de festividades e comemorações da escola. A presença das irmãs, dos padres jesuítas e do Bispo Dom Jaime Luiz Coelho, com suas vestimentas de distinção do público leigo, sinaliza, por si, a diferença deste espaço escolar com os demais. Da mesma maneira, as orações e missas realizadas nessas ocasiões deixam ver que o tempo de festa e comemoração também se constituía em um tempo de educar. Os documentos analisados permitem perceber que a intenção de educar as crianças para manter a fé católica esteve presente. Fundada na filosofia de formação “jesuíta e mariana” e alicerçada nos valores da moral católica, a Escola Paroquial Santo Inácio configurou-se como um espaço de sociabilidade, de educação da mente e do espírito.

Referências

ALVES, Manoel. **Sistema católico de educação e ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 5, n. 16, p. 209-228, set./dez. 2005.

CAMPOS, Névio. **O papel da imprensa no processo de organização do projeto formativo da igreja católica no Paraná (1926-1930)**. Educar, Curitiba, n. 37, p. 259-277, maio/ago. 2010.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991.

COLÉGIO SANTO INÁCIO. MARINGÁ. Crônicas Do Colégio Santo Inácio (1957-1987). Texto Manuscrito, s/p.

GAMEIRO, Roberto Valentim da Silva. **Princípios e valores dominantes na escola católica de educação básica no Brasil**. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Empresariais da FUMEC, Belo Horizonte.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

JUTTA, Irmã. **Memorial do Colégio Santo Inácio**. Maringá, 1996.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo. Editora Loyola, 2000.

SCHAFFRATH, M. dos A. S. **A gênese do ensino normal em Maringá: estrutura e determinações**. Relatório Final de Pesquisas. Maringá: Universidade Estadual

de Maringá, 2003

SENRA, Álvaro de Oliveira. **Matizes do privado: a AEC e a defesa da educação escolar católica Brasil (1945-1994)**. 2007. 125 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

¹ Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Educação e do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Integrante do Grupo de Pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar (HEDUCULTES). Email: edneiarossi@uol.com.br

² Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Educação e do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar (HEDUCULTES). Email: elaineuem@hotmail.com

³ Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá (2006), Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá (2013). Professora da Faculdade Alvorada em Maringá. Email: gespiola@yahoo.com.br

⁴ Movimento leigo composto por rapazes e homens adultos que participavam da congregação mariana da Igreja Católica que auxiliam na atuação apostólica dos cristãos.

Recebido: março-15

Aprovado: abril-15